A VERDADE É SINFÔNICA

ASPECTOS DO PLURALISMO CRISTÃO

Coleção **Fides Quaerens**

- *Maria para hoje*, Hans Urs von Balthasar
- *Verdade é sinfônica (A): aspectos do pluralismo cristão*, idem
- *Vida a partir da morte*, idem

HANS URS VON BALTHASAR

A VERDADE É SINFÔNICA

ASPECTOS DO PLURALISMO CRISTÃO

PAULUS

Título original:
Die Wahrheit ist symphonisch
Aspekte des christlichen Pluralismus by Hans Urs von Balthasar
© Johannes Verlag Einsiedeln, Freiburg (1972; ²2008)

Tradução do alemão: *Ney Vasconcelos de Carvalho*

Direção editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*
Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*
Capa: *Marcelo Campanhã*
Editoração, impressão e acabamento: PAULUS

Seja um leitor preferencial **PAULUS**.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções:
paulus.com.br/cadastro
Televendas: **(11) 3789-4000 / 0800 16 40 11**

1ª edição, 2016

© PAULUS – 2016

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700 • Fax: (11) 5579-3627
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4446-5

Prólogo
A Verdade é sinfônica

1

Sinfonia remete a consonância. Ela ressoa. A diversidade ressoa. Os diversos elementos ressoam, misturando-se uns nos outros. Um trombone baixo está longe de ser um flautim, assim como um *cello* não tem o mesmo som de um fagote. O contraste entre os instrumentos deve ser tão drástico quanto possível, cada um deles mantendo o seu timbre inconfundível. O compositor deve escrever a parte para cada instrumento de um modo tal que esse timbre seja mais bem valorizado. Nesse ponto específico, Bach talvez não seja o melhor modelo ao transcrever para o cravo concertos originalmente escritos para o violino com pequenas modificações apenas; Mozart, ao contrário, é o mestre perfeito: seus concertos para violino, trompa ou clarinete trazem à tona sempre a pura essência do instrumento solista. Na sinfonia propriamente dita, porém, todos os instrumentos se integram em uma consonância. Mozart conservava suas particularidades tímbricas de tal modo em seu ouvido, que era capaz, por vezes, de marcar determinada voz de um instrumento ao longo de todo um movimento, uma vez que a escutava em meio à consonância de todas as vozes. A orquestra tem de ser necessariamente pluralista para que a riqueza da totalidade possa ser desenvolvida, aquela riqueza que o compositor possui previamente em seu ouvido.

O mundo assemelha-se a uma grande orquestra a afinar os seus instrumentos. Cada um preludia por si só, enquanto o público aflui de todos os lados e o maestro ainda está distante. Em seguida, um "lá" é tocado ao piano para que se estabeleça certa unidade na afinação: acontece uma es-

pécie de afinação coletiva. A escolha dos instrumentos principais também não é casual, pois eles formam, com suas diferenças qualitativas, algo próximo de um sistema coordenado. O oboé irá formar, apoiado talvez pelo fagote, o contraponto ao grupo das cordas, o que, porém, poderia não ser eficaz o suficiente se as trompas não fornecessem o pano de fundo agregador para essa contraposição. A escolha é feita a partir da coesão, que permanece provisoriamente emudecida na partitura a ser executada. No entanto, tão logo a batuta comece a marcar o tempo, todos são por ela atraídos e arrebatados, e então se verá a razão de cada instrumento estar ali.

Deus apresenta uma sinfonia em sua Criação, na qual não se pode dizer o que é mais rico: a ideia unificadora de sua composição ou a orquestra polifônica da Criação, por Ele preparada para sua execução. Antes da encarnação do Verbo de Deus, a orquestra do mundo preludiava, ao invés, desordenadamente, a esmo: várias visões do mundo, religiões, esboços de Estados, cada qual tocando sua própria melodia isoladamente. De algum modo pressentia-se que essa confusão cacofônica não passava de um "ensaio": o "lá" ressoava através de todos como uma promessa. "Várias vezes e de muitas formas Deus se revelou anteriormente através dos profetas aos nossos pais..." (Hb 1,1). Veio então o Filho, o "herdeiro universal", para quem inclusive a orquestra havia sido reunida. À medida que a sinfonia *de Deus* ecoa sob sua direção, revela-se o sentido de sua diversidade.

A unidade da composição deriva de Deus. Por essa razão o mundo era, é e sempre será (e, por que não, cada vez mais?) pluralista. Naturalmente, o mundo não percebe seu próprio pluralismo, uma vez que nele nunca existiu a unidade, nem antes nem agora. Mas o sentido do seu pluralismo está em não recusar a unidade que está em Deus e que é por Ele comunicada, e assim harmonizar-se sinfonicamente, aderindo à unidade transcendente. Da mesma forma, não estão previstos outros ouvintes além daqueles que estão a executar conjuntamente a sinfonia: e ao ser executada a sinfonia de Deus – cuja composição não pode ser presumida de modo algum a partir dos instrumentos, nem sequer de sua totalidade –, todos têm a experiência do motivo para o qual estão ali reunidos. No início, ao se sentarem e permanecerem lado a lado, eles se sentiam estra-

nhamente discrepantes. Subitamente, quando a peça se inicia, fica claro para eles de que modo estão integrados. Não em uníssono, mas na beleza superior de uma sinfonia.

2

A situação atual, de onde devemos partir, é aquela de uma impaciente pressão pela estruturação de uma unidade, geralmente sentida como uma prisão. Não é, de fato, um ultraje uma melodia aprisionada no interior de uma fuga tripla, melodia esta cuja evolução ou mesmo cuja forma original é determinada pela lei que rege a fuga? Ela deveria ter a possibilidade de ser apresentada e cantada em seu "estado puro", livre desses condicionamentos.

Há, hoje, uma tendência que se agita poderosamente em direção a uma apropriação da fascinante figura de Jesus Cristo, e que procura apreendê-lo como era em si mesmo, em seu estado puro, purificado dos infelizes vínculos com uma Igreja institucional, atolada em uma pilha de dogmas incompreensíveis, costumes ultrapassados e tradições rígidas. Longe do entulho de dois mil anos de história, ele poderá ressurgir para nós em seu brilho original, simples e desnudo. E, no entanto, justamente hoje a ciência exegética nos afirma de forma conclusiva que conhecemos Jesus Cristo somente por meio do testemunho de fé da Igreja primitiva, que os relatos sobre sua vida se estruturaram a partir dessa fé, e que, desse modo, não podemos jamais despi-lo de sua roupagem eclesial. Uma vez que isso é algo conclusivo, tem início uma nova luta: despir, purificar e simplificar a Igreja, rica de tradições acrescentadas ao longo do tempo, até que nela comece a reluzir a presumível glória de Jesus Cristo. Para tanto, deve-se também pôr em questão as fórmulas de fé originais da Igreja primitiva: Já não serão elas uma dissimulação e uma excrescência?

Folha após folha, a cebola é descascada, e no final o núcleo acaba sendo igualmente dissolvido.

Nesse caso, não serão justas ambas as lutas? A Igreja deveria deixar que Cristo transparecesse; não deveria, aliás, ser outra coisa além da sua transparência. Se ela não mais consegue ser como tal, não é de se admirar que as pessoas queiram procurar a essência que deverá se encontrar por trás dela. Por outro lado, se Jesus se entregou livremente à morte, para somente além da morte – em sua ressurreição, ressurgimento e autointerpretação – tornar-se completamente compreensível aos discípulos, não será então a Igreja justamente o lugar por ele próprio escolhido para estar presente e acessível? Aquilo que denominamos "a encarnação de Deus" em Jesus de Nazaré não se realiza plenamente apenas na comunidade dos fiéis, que têm e vivem a missão de anunciar o seu acontecimento no mundo e de apresentá-lo diante do mundo, testemunhando-o? E ninguém é capaz de determinar precisamente onde a primeira comunidade começou a se tornar "protocatólica". Desde o início está lá a estrutura ministerial, em Pedro e inesperadamente em Paulo; desde o início está Maria, a Mãe, que permanece com João aos pés da cruz, orando no seio da comunidade. Desde o início há o batismo, a fração do Pão, o perdão dos pecados, a unção dos enfermos, a imposição das mãos; desde o início, instruções precisas são dadas, presbíteros são estabelecidos, um direito sagrado é exercido e referências são feitas à tradição. Os pequenos motivos da fuga já foram executados, ajustando-se uns sobre os outros, e esta segue, então, o seu caminho.

Não podemos separar Cristo da Igreja, nem, do mesmo modo, desligar a Igreja de Cristo. Se quisermos realmente ouvir algo de compreensível, teremos de escutar a totalidade da polifonia da revelação. A transparência de Cristo não será alcançada pela destruição da Igreja, ou através da sua substituição por formas de comunhão autogeridas, mas sim de uma forma que os homens da Igreja se tornem o mais profundamente possível assimilados à realidade eclesial: ela é, de fato, o Corpo de Cristo e, portanto, sua presença corpórea. Por outro lado, há também o impulso de "agarrar" Cristo, de apreendê-lo, o que constitui uma insensatez: ele sempre escapou daqueles que queriam agarrá-lo; ele próprio, em sua realidade completa, é apenas uma transparência: "Quem me vê, vê o Pai", "Aquele que reconhece o Filho reconhece também o Pai", "Meu ensinamento não é

meu, mas daquele que me enviou", "Não me toques, pois ainda não fui ao Pai". Ao deixarmos que seja levado de volta à sua Origem, percebemos o seu mistério. E o Espírito, que procede do Pai e do Filho, uma vez que não é nem o Pai nem o Filho, mas o seu Amor recíproco, conduz-nos rumo a esse mistério. Até mesmo a Verdade eterna é sinfônica.

3

É razoável questionarmos se a Igreja já terá sido menos pluralista do que nos tempos atuais, em que tanto se fala de pluralismo. Os *slogans* e programas imediatistas surgem de modo oportunista, como se fossem a cura para todos os males da Igreja em crise. No seu interior tudo vira uma exigência de democratização, e todos esperam uma gestão participativa, com uma correspondente "mudança das estruturas", presumivelmente a única maneira de o espírito democrático atuar eficazmente. Fora dela é exigida do mesmo modo, como via única, a tomada de partido, por parte da Igreja, pelos pobres e explorados, e de fato com um engajamento politicamente eficiente, que não pode excluir nem mesmo a revolução. A ação social e política é o verdadeiro serviço a Deus, a oração apropriada, a escola profunda da abnegação e da renúncia.

Todas essas ideias são uma estranha restrição e achatamento da doutrina e do exemplo de Cristo, da teologia eclesial do Novo Testamento e também do programa de "abertura ao mundo", do Concílio Vaticano II. Pois, à medida que se chama a atenção para esses temas e necessidades, discriminam-se com uma sistematicidade cada vez mais monocórdica outros que lhes são contrapostos e que são igualmente necessários em uma ótica cristã. Não haverá outra forma de revalorizar o matrimônio senão depreciando o papel do celibato no Reino dos Céus? Será realmente necessário que, para que seja elogiada a ação política "da Igreja" – que, no

entanto, só pode se limitar à ação de alguns dos seus membros –, afirme-se o caráter inútil e ultrapassado da vida penitente e contemplativa, alienando-a do amor dos fiéis? Agora que o amor ao próximo foi redescoberto como o mandamento central do cristianismo, deve-se entrar em um estado de convulsão cada vez que ecoar a palavra "interioridade", e rejeitar toda relação direta do homem com Deus como sendo evasão ou alienação da realidade? Será necessário, na exaltação da ação justa – a ortopraxia, que é exigida por Jesus de modo suficientemente claro ("Somente aquele que faz a vontade do meu Pai", Mt 7,21) –, perder de vista que da mesma forma o Novo Testamento exige a justa fé, a ortodoxia ("Quem não permanece na doutrina de Cristo não possui a Deus", 2Jo 9)? A mensagem da tolerância é pregada com intolerância, o evangelho do pluralismo anunciado com uma veemência cujo odor de seita é claramente perceptível, de modo tal que todo aquele que não estiver ligado a ela é suportado compassivamente como um retrógrado.

O que acontece aqui predominantemente? Não se suporta mais a unidade superior, na qual cada um, com os seus dons e a sua missão, é apenas uma parte, e assim a unidade do todo submerge na parte. Não se deseja mais a sinfonia. Ao contrário, exige-se o uníssono. Platonicamente falando, a tirania; modernamente falando, o totalitarismo, a contradição íntima do partido único, e a presunção de infalibilidade. Há as ideologias do homem unidimensional, para o qual tudo deve ser abarcado a partir da sua perspectiva de sapo. Tenta-se, inclusive, traçar o modelo do santo de hoje e do futuro, como se a santidade não tivesse como pressuposto o fato de que é necessário adequar-se ao Corpo com os seus vários membros, muitas vezes opostos, e fazer a vontade completa de Deus no lugar que lhe for designado, cada qual à sua maneira. Nenhum santo jamais afirmou ser o *único* a fazer o que é correto. Madre Teresa faz *algo* em Calcutá, enquanto, no mesmo país, o abade Monchanin tem feito algo totalmente diferente. E ambos são representações autênticas do "Único necessário". Todos os que procuram viver do amor cristão ardem entre Deus e o mundo, com Deus para o mundo, como representantes do mundo para Deus, e ardem sempre no interior da Comunhão dos Santos. Eles sabem que todos os serviços necessitam uns dos outros. O padre que atua externamente precisa da carmelita que ora e se penitencia por ele dentro dos muros do Carmelo. Ele precisa também

do leigo, que exporta ao âmbito do mundo aquilo que o padre procura lhe passar da mentalidade cristã. O padre não precisará exercer um papel político próprio do leigo, e o leigo não irá se apropriar de nada relativo ao ministério sacerdotal. "O Corpo, com efeito, não subsiste a partir de um único membro, mas de muitos [...]. Se todos fôssemos em conjunto apenas um membro, onde estaria o Corpo?" (1Cor 12,14.19).

4

Com isso, aquilo que mais necessariamente deve ser hoje anunciado e tornado objeto de interesse é que a Verdade cristã é sinfônica. Sinfonia não significa de modo algum uma harmonia açucaradamente livre de tensões. A música mais sublime é sempre dramática, um constante acúmulo de tensões e sua ulterior resolução. Dissonância, porém, não é cacofonia. Também não é o único meio de pôr em marcha a tensão sinfônica. Mozart confere à sua melodia mais simples – e ele frequentemente trabalha com meras escalas – algo de tão elástico, ligeiro e coeso que a força que nela se reconhece após alguns compassos parece fluir de um depósito inesgotável de benditas tensões, para então preencher cada elemento particular com essa tensão original.

O depósito da Igreja é a "profundidade da riqueza de Deus" em Jesus Cristo, que, por sua vez, está inserido em seu centro. Que ela deixe que tal plenitude se expanda em uma inexaurível diversidade, que brota irrefreavelmente da sua unidade.

Iremos, na primeira parte desta obra, elencar superficialmente aspectos do pluralismo teológico, com um giro em torno do centro da revelação cristã. Na segunda parte se mostrará com alguns exemplos como a diversidade sempre brota da unidade, a partir dela é justificada e a todo momento pode nela se integrar.